

Metáforas tecnológicas do cotidiano: uma análise do falar alemão

Ulrike Schroeder*

Abstract: This paper deals with metaphorical transference of technical concepts to our everyday way of speaking. At the focus of the investigation there will be the question why one finds specifically in German, in comparison with Portuguese, for instance, frequently, technological metaphors related to other metaphorical concepts. On the basis of some examples extracted from the comparative survey “Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten – eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten” [Brazilian and German realities – a comparative case study of communicatively created universes of meanings], we will discuss what traces of the German language and of historical-cultural development of the German nation contribute to such dynamics of everyday metaphors.

Keywords: Technology; Methaphoric Speech; Communicative Contexts; World-view; Literalisation.

Zusammenfassung: Der Artikel thematisiert die metaphorische Übertragung technischer Konzepte auf unseren alltäglichen Redestil. Im Fokus der Untersuchung steht dabei die Frage, warum sich gerade in der deutschen Sprache, etwa im Vergleich zur portugiesischen, so viele Technologiemetaphern, die ihrerseits mit anderen metaphorischen Konzepten in Zusammenhang stehen, finden lassen. Auf der Grundlage einiger Redebeispiele aus der von mir im Jahre 2000 / 2001 durchgeführten kulturkontrastiven Studie „Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten – eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten“ soll geklärt werden, welche Merkmale der deutschen

* A autora é leitora do DAAD e professora visitante da UFMG.

Sprache und ihrer kulturgeschichtlichen Entwicklung eine solche Dynamik metaphorischen Sprechens im Alltag begünstigen.

Stichwörter: Technologie; metaphorisches Sprechen; kommunikative Kontexte; Weltsicht; Literalisierung.

Resumo: O artigo tematiza a transferência metafórica dos conceitos técnicos ao nosso estilo de falar cotidiano. No foco da investigação, coloca-se um esclarecimento da questão por quê se encontram especificamente no falar alemão em comparação com o português, por exemplo, de forma freqüente, metáforas tecnológicas ligadas a outros conceitos metafóricos. Com base em alguns exemplo extraídos da pesquisa comparativa „Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten – eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten“ [Realidades brasileira e alemã – um estudo de caso comparativo sobre mundos de sentido criados comunicativamente], questiona-se sobre a questão sobre quais traços da língua alemã e do desenvolvimento histórico-cultural da nação alemã contribuem para uma tal dinâmica das metáforas utilizadas no falar cotidiano.

Palavras-chave: Tecnologia; conceitos metafóricos; contextos comunicativos; visão de mundo; literalização.

1. Introdução

Wir alle haben, genetisch bedingt, einen *Chip* im Kopf. Aber wie *schnell* der *läuft*, ist eine Frage der *Programmierung*. Je mehr Sie Kinder anregen, durch Musik, Sprache oder mathematische Aufgaben ihre *Kapazität* zu *nutzen*, desto mehr *verdrahtet* sich ihr Gehirn und der *Computer* wird *leistungsfähiger*.¹

Ich kenn das nicht anders, inna *intakten* Familie, wo alles *funktioniert* und *klappt* und, ich kenn das nicht anders, und das ist für mich auch schön und wichtig und etwas, woraus man auch immer wieder *Kraft schöpfen* kann.²

¹ Jürgen Kluge 2001. Kluge, chefe do McKinsey na Alemanha, serviu-se desta metáfora numa entrevista para o jornal *Welt am Sonntag*.

² Estudante alemão (extraído de entrevista), cf. de Schröder 2003, p. 216.

A transferência metafórica dos conceitos técnicos ao cérebro já foi tematizada por muitas vezes (por exemplo, através da comparação do seu funcionamento com o de um computador, de uma câmera fotográfica, fita magnética, central telefônica e sistema hidráulico). Entretanto, o fato de tais conceitos, de forma mais implícita, também estarem relacionados ao nosso estilo de falar cotidiano é raramente tema das áreas da lingüística e da comunicação social.

A seguir, deve ser mostrado até que ponto e por quê se encontram especificamente no falar alemão, de forma freqüente, metáforas tecnológicas ligadas a outros conceitos metafóricos. Uma análise do fenômeno compreende três etapas:

1. Primeiramente, será apresentada uma exposição no intuito de esclarecer o que significa falar metaforicamente. Para tal, é retomada a noção de metáfora de Lakoff e Johnson.

2. Num segundo momento, serão apresentados alguns exemplos de conceitos metafóricos que constituem áreas de experiência específica das culturas. Um deles é o dualismo corpo/alma dentro da visão de mundo ocidental, que transfere à área de experiência da filosofia a imagem do mundo matematizado das línguas indo-européias ocidentais e as metáforas espaciais que servem de base a tal visão. Ao mesmo tempo, essas metáforas espaciais também alimentam muitos conceitos metafóricos das esferas da matemática, mecânica, economia, tecnologia.

3. Finalmente, em um terceiro momento, serão apresentados exemplos do falar alemão cotidiano que mostram que os nomes expressos pelos conceitos metafóricos do alemão, obviamente, são diferenciados daqueles de outras comunidades culturais. Para tal tarefa, recorre-se a alguns exemplos do modo de falar extraídos de entrevistas realizadas dentro da pesquisa comparativa „Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten – eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten“, publicada em 2003³. No centro da análise, questiona-se quais traços da língua alemã e do desenvolvimento

³ As unidades de pesquisa deste estudo foram: a) o grupo de estudantes alemães; b) o grupo de não-estudantes alemães; c) o grupo de estudantes brasileiros; d) o

histórico-cultural da nação alemã contribuem para uma tal dinâmica das metáforas utilizadas na língua alemã.

2. A estruturação da realidade através do falar metafórico

O ponto de partida dessa análise pressupõe que a realidade e a língua resultam do contexto dos atos comunicativos entre os participantes de uma comunidade cultural. Desse modo, são gerados mundos de sentido que são externalizados e internalizados e, ao mesmo tempo, modificados dentro de um processo dialético. A língua representa o meio pelo qual esse processo advém através da sua força de transcender o „Aqui“ e „Agora“. Com isto, a língua cria significados aparentemente fixos que, por sua vez, podem tornar-se ponto de partida para a criação de novos significados, conferindo à língua o seu caráter auto-referencial. Isto implica em: se a língua estruturasse a nossa área de experiência, as categorias de língua, uma vez estabelecidas, serviriam a uma expansão permanente de quadros cognitivos, assim como faria sua transferência para esferas de sentido que ainda terão que ser estruturadas:

New cultural experiences frequently make it necessary to enlarge the resources of a language, but such enlargement is never an arbitrary addition to the materials and forms already present ; it is merely a further application of principles already in use and in many cases little more than a metaphorical extension of old terms and meaning.⁴

grupo de não-estudantes brasileiros. Uma condição para este grupo de não-estudantes foi a de que eles não estudassem, ou não tivessem estudado até a conclusão do segundo grau. Os entrevistados tinham entre 20 e 30 anos. No centro da pesquisa, foi focalizada a reconstrução dos mundos de sentido desses quatro grupos a partir da sua experiência cotidiana. Nisso, devia ser entendido o conceito através dos resultados de entrevistas profundas e questionários, para, em um segundo passo, através da comparação com os outros grupos, sistematizar um conceito típico de cada grupo como base de uma comparação intercultural posterior. No total, foram distribuídos 400 questionários em cada país, e realizadas 40 entrevistas; cf. Schröder 2003, p. 63ss.

⁴ Sapir 1949, p. 10. Por conseguinte, falar metaforicamente influencia o nosso vocabulário inteiro, não apenas no campo do cotidiano, como também no cien-

Lakoff e Johnson mostram, na sua pesquisa *Metaphors We Live By*, como estruturas cognitivas podem ser reconstruídas através de uma análise dos estilos de fala. Para os autores, falar metaforicamente significa qualquer entendimento de um assunto com ajuda de expressões de outra área de assunto. Em conformidade com isto, perceber uma experiência de modo significativo quer dizer estabelecer correspondências entre uma área de experiência já deduzida conceitualmente e uma outra ainda não estruturada. Destarte, a nossa experiência torna-se coerente. Em regra geral, a maioria de nossos conceitos metafóricos criados baseiam-se em experiências físicas:

Rather, what we are claiming about grounding is that we typically conceptualize the nonphysical *in terms of* the physical – that is, we conceptualize the less clearly delineated in terms of the more clearly delineated. Consider the following examples. Harry is in the kitchen. Harry is in the Elks. Harry is in love. The sentences refer to three different domains of experience: spatial, social, and emotional. None of these has experiential priority over the others ; they are all equally basic kinds of experience.⁵

Segundo Lakoff e Johnson, três tipos de metáforas são muito importantes para nossa estruturação da experiência:

1) *Structural Metaphors* são metáforas que transferem padrões de ação de uma área de ação definida a uma outra. Através do exemplo da metáfora da guerra, que estrutura discussões nas culturas ocidentais, os autores ilustram a relatividade cultural das metáforas: nós „ganhamos“ ou „perdemos“

tífico. Isto também foi indicado, por, entre outros, Schmitz, na sua crítica a uma limitação da maioria das teses sobre *tropos*, a uma perspectiva “extrakommunikativ”; cf. a isto Schmitz 1996, S. 153. Em geral, nos anos passados, a pesquisa da metáfora viveu uma mudança de concepção em relação à natureza dos processos cognitivos envolvidos. Isto implica que as metáforas são entendidas cada vez mais como espelho do pensamento humano; cf. além de Lakoff/Johson também as teorias sobre metáforas cognitivas de Earl MacCormac 1985, Christa Baldauf 1997 ou Olaf Jäkel 2003.

⁵ Lakoff/Johnson 1980, p. 59.

uma discussão, não acreditamos que o outro possa „defender“ os seus argumentos, e temos que confessar que o outro conseguiu “ameaçar” os “pontos fracos” da minha contribuição. Imaginando uma cultura que organiza discussões segundo uma dança, toda a área de experiência obtém um novo contorno que não representa o que, em geral, estamos acostumados a chamar de „discussão”. Enquanto dentro da área metafórica da guerra, a argumentação ultrapassa vitória ou derrota, a área metafórica da dança interpreta uma discussão como um movimento harmônico e recíproco, que não conhece a vivência de triunfo.⁶ Outros exemplos são: a transferência do conceito *edifício* a teorias, ou do conceito *plantas* a idéias.⁷

2) *Orientational Metaphors* referem-se a conceitos que, através de uma referência a uma direção ou a um local, aplicam relações espaciais àquelas não-espaciais. Para tal, são exemplos os pares conceituais *em cima/em baixo*, *dentro/fora*, *em frente/atrás*, *fundo/plano* e *central/periferia* que se encontram em inúmeras áreas da experiência. “Ele está sob hipnose.” ou „sobressaltar-se” são imagens diferentes, atrás ainda do que fica o mesmo conceito metafórico: o consciente (ou graus do consciente) e o inconsciente são agarrados através de uma metáfora *em cima/em baixo*. Nisto, também se modificam valores fundamentais de uma comunidade cultural, como é óbvio na transformação do valor “o que é mais é melhor” para “o que é mais é em cima”. Assim, por exemplo, nós falamos do status alto ou baixo de uma pessoa e referimo-nos à relação do salário e do status.⁸

3) *Ontological Metaphors* interligam experiências com coisas do mundo fisicamente perceptível, ou seja, com experiências não-físicas para tratar essas últimas também de modo perceptível. Acontecimentos, atividades, emoções ou idéias são moldados em entidades ou substâncias como, por exemplo, é o caso da declaração “A inflação baixa o nosso padrão de vida”. Metáforas desse tipo servem para a qualificação das coisas (“Precisará de um montão de paciência para terminar o livro”), para identificar um aspec-

⁶ Cf. Lakoff/Johnson, p. 5.

⁷ Cf. Lakoff/Johnson, p. 41ss.

⁸ Cf. Lakoff/Johnson, p. 14ss.

to parcial de uma coisa (“o lado feio de uma pessoa”), para nomear causas (“Ele fez isto por raiva”) ou para tornar objetivos “tangíveis” (“Ele foi para Nova Iorque procurar por sorte e glória”).⁹

O nosso conceito da realidade, por fim, pode ser entendido como acumulação e representação de conceitos metafóricos que, por sua vez, são compostos de camadas e estratos de vários outros conceitos metafóricos, que representam metáforas básicas. Quando alguém me diz: “O seu argumento é inconsistente. Você ainda não avançou ao núcleo”, reúnem-se a idéia de um argumento como *container* e aquela de um argumento como viagem com destino. Assim, duas metáforas podem interferir: “Neste ponto, seu argumento não tem *muito conteúdo*.” Nas composições mais complexas, surgem não só relações horizontais, mas também verticais, nas quais metáforas mais complexas têm raízes nessas mais profundas, como a orientação espacial, que corresponde, por exemplo aos conceitos “edifício” e “container” na frase: “Estes pontos são centrais para o nosso argumento e formam os pilares fundamentais para tudo em seguida.”¹⁰

Aproveitar expressões em contextos diversos, dentro da perspectiva de Lakoff e Johnson, pode ser visto como raiz para todas as tradições de ação de uma comunidade de comunicação. O filósofo da linguagem Fritz Mauthner observa que o falar metafórico é a origem de qualquer desenvolvimento da língua¹¹ e realça a força enganadora da língua como poder social que provoca alucinações.¹² Produzir conhecimento sobre a realidade, para Mauthner, não significa progresso, mas sim, a classificação de algo até agora desconhecido sob uma categoria de língua já existente, na qual o desconhecido ocupa um lugar, ao passo que o reconhecer e o saber limitam-se às fronteiras da língua. Independente do quão convincente é a posição da crítica da linguagem de Mauthner, o que deve ficar claro é que a aplicação de uma expressão idiomática que já tem uma função explicativa a

⁹ Cf. Lakoff/Johnson, p. 25ss.

¹⁰ Cf. Lakoff/Johnson, p. 102.

¹¹ Cf. Mauthner 1923, p. 36.

¹² Cf. Mauthner, p. 43.

uma outra área de experiência facilita a familiarização de um comportamento através da transmissão de uma rede de relações e disposições já conhecidas.

3. Geração de metáforas num contexto culturalmente específico

Se metáforas, como foi dito anteriormente, são criadas dentro de contextos comunicativos, logo, elas variam de uma cultura para a outra e de uma língua para a outra. Isto foi indicado especialmente por estudos antropológicos, entre eles, o conhecido e polêmico estudo sobre os índios Hopi do antropólogo americano Benjamin Lee Whorf, que parte da suposição de que gramáticas diferentes implicam também em visões de mundo diferentes.¹³ Dentro do contexto das suas pesquisas, Whorf também menciona alguns conceitos metafóricos que se encontram na maioria das línguas do SAE (*Standard Average European*), mas de modo nenhum esses conceitos são universalmente válidos. Por exemplo, áreas de experiência como *duração*, *intensidade* e *tendência* são estruturadas dentro do SAE, ao contrário da língua dos Hopis, em que essas áreas pertencem a uma classe própria denominada *tensores* para a descrição de intensidades, com ajuda de expressões metafóricas para a extensão espacial – através de conceitos como tamanho, número, posição, forma e movimento:

We express duration by 'long, short, great, much, quick, slow,' etc. ; intensity by 'large, great, much, heavy, light, high, low, sharp, faint,' etc. ; tendency by more, 'increase, grow, turn, get, approach, go, come,

¹³ Este postulado que Whorf desenvolve junto com Edward Sapir tornou-se conhecido pela denominação de "hipótese de Sapir/Whorf" e tem raízes no determinismo lingüístico de Wilhelm von Humboldt; cf. Humboldt 1960, p. LXXV. Assim, Whorf chega à conclusão de que as línguas de SAE (*Standard Average European*), através da sua tendência de substantivação, estão mais dispostas a uma divisão bipolar da natureza do que a dos índios Hopi, que descrevem a natureza por meio de verbos e, dessa forma, entendem o mundo menos como sendo um universo de coisas separadas, mas, antes, um processo. Também a nossa metafísica do espaço e do tempo, com sua linearidade inerente, retrocede, dentro da visão de mundo dos Hopis, a um entendimento dos acontecimentos pontuais se manifestando ou se dissolvendo dentro do cosmos; cf. Whorf, p. 139ss.

rise, fall, stop, smooth, even, rapid, slow' ; and so on through an almost inexhaustible list of metaphors that we hardly recognize as such, since they are virtually the only linguistic media available.¹⁴

Essa tendência de tratar espaços de idéias como espaços de percepção, uma vez estabelecida, torna-se fundamento do mundo científico ocidental. Isto pode ser acompanhado no arsenal de metáforas da filosofia ocidental. Entre outros, o filósofo Ludwig Wittgenstein dedicou-se a uma desagregação de mitos filosóficos através de uma desconstrução das metáforas que os constituem. Neste contexto, ele remete ao ponto de vista etnocêntrico de muitas análises culturais e critica o antropólogo britânico Sir James George Frazer por sua conclusão, apresentada na sua famosa obra *The Golden Bough*, de que o mágico nas culturas primitivas resulta numa física inconsistente. Segundo Wittgenstein, não se pode esquecer que, afinal de contas, também a nossa concepção ocidental representa somente uma visão casual e não privilegiada de fundamentos que são formados de tais metáforas ilusórias que a nossa língua nos oferece:

[...] und es wird viel zu wenig Aufhebens davon gemacht, daß wir das Wort „Seele“, „Geist“ („spirit“) zu unserem eigenen gebildeten Vokabular zählen. Dagegen ist es eine Kleinigkeit, daß wir nicht glauben, daß unsere Seele ißt und trinkt. In unserer Sprache ist eine ganze Mythologie niedergelegt.¹⁵

Tais „certezas“, manifestadas idiomáticamente, ocupam espaço no mundo científico, como se observa, por exemplo, na dicotomia entre o sujeito e o objeto: o ponto de partida desse mito da língua é a época do Renascimento, através do qual se desenvolve a matematização da natureza. Galileu e seus sucessores interrogam-se sobre a natureza do mundo externo e não sobre as obras do sujeito que, sobremaneira, apresentam as condições para uma análise da realidade de que resulta a consequência, ”daß wir mit dem mathematischen Ideenkleid für *wahres Sein* nehmen, was eine *Methode*

¹⁴ Whorf 1973, p. 145.

¹⁵ Wittgenstein 1975, p. 46.

ist.¹⁶ Assim, pouco a pouco, estabelece-se a imagem da natureza como um mundo corpóreo fechado em si mesmo, e de que tudo o que não seja adaptável a esta imagem é excluído e a isso contraposto.¹⁷ Nesta dicotomização do mundo, a alma torna-se metáfora-chave da filosofia europeia como pode ser observado com base nas diferenças ontológicas *espírito/corpo*, *interior/exterior*, *mental/físico*, *res cogitans/res extensa*. Independente da respectiva direção filosófica, a alma, dentro deste discurso, e em analogia ao corpo, sempre é vista como algo extenso, por exemplo, como espírito.¹⁸ Dessa maneira, a maioria dos filósofos fiam uma teia de metáforas que é tecida nessa dualidade insolúvel.¹⁹ Em tais imagens, o modelo geométrico torna-se base para uma metáfora dinâmica que, finalmente, domina inteiramente o nosso pensamento pré-científico e científico:

Die räumliche Metaphorik erzwingt einen Blick, der etwas „sehen“ will, was nicht „gesehen“ werden kann. So treten die Metaphern einer Ein-sicht, einer inneren Schau, eines Ein-blicks, einer Introspektion auf den Plan. Ihr Organ ist ein Auge, das nicht körperlich ist, ein „inneres Auge“, das einen paraoptischen Blick auf das zu werfen ermöglichen soll, was sich als Seele vorspiegelt.²⁰

¹⁶ Husserl 1977, p. 52.

¹⁷ O entendimento da natureza como sendo um mundo corpóreo fechado em si mesmo divide-o em dois: o mundo da natureza e o da alma – o mundo do objeto, e o mundo do sujeito. Esta cisão divide os mundos a partir dos conceitos da *res extensa* e da *res cogitans*, introduzidos por Descartes. Como reação a ele, foi formulada a psicologia psicofísica: começando com o fisicalismo de Hobbes e a naturalização do psíquico por Locke, o esforço de reduzir o segundo mundo nas regularidades do primeiro, gera, finalmente, o solipsismo de Hume.

¹⁸ O início do dualismo do corpo *versus* alma é radicado já na pré-história. Mesmo nos rituais funerários do homem pré-histórico, observam-se pegadas que indicam que se acreditava numa vida contínua depois da morte. Por trás, encontra-se a idéia de que, durante o morrer, algo humano sai do corpo; cf. Geier 1989, p. 190.

¹⁹ Wittgenstein também indicou esta armadilha; cf. Wittgenstein 1995, p. 300, §115.

²⁰ Geier 1989, p. 187. De acordo com Geier, este modelo óptico, principalmente segundo Descartes, entra no entendimento moderno do espírito e da alma: assim como o objeto exterior reflete a luz e pode ser visto, também a alma irradia uma luz interior que ilumina um cenário interior.

Em virtude da distinção dos diferentes sistemas funcionais a partir da época do Renascimento, a metáfora do espaço se desenvolve tão dinamicamente que são geradas novas semânticas que, por sua vez, produzem conceitos metafóricos baseando-se nos processos da indústria, da economia e da tecnologia. Um pioneiro quanto à taxonomia tecnológica ou à tecnomorfologização do homem é La Mettrie, que o compreende como máquina e o descreve baseado na metáfora mecânica do relógio:

[...] le corps humain est une horloge, mais immense, et construite avec tant d'artifice et d'habileté, que si la roue qui sert à marquer les secondes vient à s'arrêter, celle des minutes tourne et va toujours son train; comme la roue des quarts continue de se mouvoir, et ainsi des autres, quand les premières, rouillées ou dérangées par quelque cause que ce soit, ont interrompu leur marche.²¹

Entretanto, metáforas tecnológicas estenderam-se a diversos rumos das Ciências Humanas. Isto pode ser observado, por exemplo, dentro da teoria do sistema de Niklas Luhmann,²² que compreende a sociedade como um *sistema*, em que *subsistemas auto-referenciais* operam baseando-se em *códigos binários* e, desta forma, tornam distintos *aparelhos* semânticos através de *processos recursivos*. Também a psicologia cognitiva tenta descrever o modo de funcionamento do cérebro humano recorrendo às metáforas tecnológicas. Nisso, o homem é definido como um *sistema que processa informações*, através das combinações *input/output*, *codificação/decodificação*. Nesse contexto, a *capacidade de memória* do cérebro é representada como *módulo de calculadora*, e o aprender torna-se simplesmente *armazenar informações*, no qual três memórias tornam-se relevantes: a *memória curta*, a *memória temporária* e a *memória longa*, entre elas ocorrendo *processos de transmissão*.²³

²¹ La Mettrie 1981, p. 143. A imagem do homem como máquina já se encontra em Descartes; cf. „L'Homme“ de Descartes 1664: „Je suppose que le corps n'est autre chose qu'une tâtue ou machine de terre“ (Descartes 1953, p. 873).

²² Cf. Luhmann 1999.

²³ Cf. sobre isto as análises de MacCormac 1985. Nos anos sessenta, desenvolve-se a ciência da cognição a partir da idéia de que o homem é passível de descrição como um sistema que processa informações. O primeiro esboço de uma teoria

4. O arsenal de metáforas no falar alemão cotidiano

Será apresentado adiante que, dentro do uso da língua alemã, existem muitas correlações e interdependências entre metáforas de vários níveis, e que todos esses estão relacionados a um modo especificamente tecnológico de interação com o modo de vida. Os exemplos do estilo do falar alemão foram retirados do estudo comparativo alemão-brasileiro já mencionado no início desta apresentação. Tratam-se apenas de tendências que não excluem o fato de que uma ou outra dessas metáforas também possam ser encontradas em outras línguas. Na verdade, o ponto decisivo é a aplicação das metáforas já idiomatizadas e freqüentes.

Um olhar comparativo ao português do Brasil elucida esta tendência: no português brasileiro, por exemplo, observa-se mais a transferência de

de cognição como ciência dos processos cognitivos, que podem ser entendidos como processos computacionais, remonta a Allen Newell e Herbert A. Simon; cf. Newell/Simon 1956. Dentro da lingüística teórica, especialmente Noam Chomsky se dedica a uma tentativa de uma descrição exata da capacidade de falar com base nos processos de cálculo naturais dos neurônios, como verificamos na sua gramática transformacional ou gerativa. Sua premissa mental baseia-se na possibilidade de se observar uma capacidade de uma permanente recombinação de frases e no fato de que crianças, apesar de um input deficiente, conseguem construir uma estrutura gramatical complexa. Desse modo, ele conclui que possa existir uma gramática universal que forme a base para um desdobramento de um mecanismo lingüístico inato; cf. Chomsky 1977. Na sua análise, Steven Pinker radicaliza o modelo de Chomsky, ao falar de um órgão mental, um sistema neuronal, ou mesmo um módulo de cálculo, no caso da língua; cf. Pinker 1994, p. 297ss. Os teóricos da cognição Jerry Fodor e Zenon Pylyshyn, finalmente, aplicam a metáfora do computador para uma descrição do processo de cálculo. Nesse ponto, eles fazem analogia entre as condições teóricas da contabilidade, o software, e as estruturas biológicas, assim como entre os processos cerebrais que realizam o cálculo e o hardware de um computador. Os algoritmos calculados são os mesmos para o computador e para o cérebro; cf. Fodor/Pylyshyn 1988. A rigor, esta linha de desenvolvimento cognitiva remonta ao início da modernidade, começando com a analogia entre o homem e a máquina de Descartes, até a idéia de uma calculabilidade universal do pensamento de Leibniz. Ele pretendeu substituir a argumentação natural pelo cálculo, por meio de expressões formais; cf. Leibniz 1960.

conceitos metafóricos construídos a partir da sensibilidade – o mundo da percepção sensorial imediata – para as realidades conceituais e racionais do que no alemão. Assim, por exemplo, as palavras *fluir*, *sentir*, *comer* ou *apaixonar* obtiveram um caráter mais extensivo do que no alemão. Prova disso são expressões como *os sentimentos fluem naturalmente – comer carne – desejo da carne – sentir dor – sentir uma certa capacidade para fazer isso – sentir algo estranho – apaixonar-se pela sociologia/música* etc.²⁴ No uso da língua alemã, esta relação inverte-se, como será mostrado a seguir. Áreas da vida cotidiana são estruturadas pelas metáforas das esferas de sentido público e racional, como por exemplo as do mundo do trabalho, da economia e da ciência, e não vice-versa.

Desse modo, o desenvolvimento de tais metáforas não deveria ser observado somente dentro do contexto de crescente diferenciação e racionalização dos diferentes sistemas funcionais como o trabalho, a política, a economia, a ciência, o direito, etc., mas também, além disso, dentro do contexto da literalidade, do protestantismo e da individualização, que exerceram uma grande influência no desenvolvimento da língua alemã. Assim, junto à introdução da escrita, institucionaliza-se um quadro temporal dentro do qual a distância do passado em relação ao presente e ao futuro aumenta. A distância em relação à escrita também produz um distanciamento em relação ao presente que contribui para que o mundo se torne classificável. Este início de cisão das experiências reflete uma necessidade que se estabelece paralelamente a uma extensão da crescente mecanização dos processos de trabalho e da vida pública, que, por sua vez, resultam das aquisições das Ciências Naturais modernas. Em substituição ao fluxo de experiência pura, surgem, de uma perspectiva meta, relações que são criadas entre diversas experiências, assim como entre diversos modi de experiência, o que se reflete lingüisticamente especialmente no fenômeno da subordinação.

Assim, em virtude das inovações sócio-culturais, como desenvolvimento das cidades, da tipografia, da Reforma Protestante, da fundação das primeiras universidades, do Humanismo, do Renascimento e da mecanização, que surgiram já no primeiro período do Alto Alemão (1350-1650), observa-se também uma extensão da sintaxe através da hipotaxe. De forma

²⁴ Cf. sobre isso Schröder 2003, p. 196ss.

crescente, oração principal e subordinada distinguem-se formalmente por meio de ligação das frases assim como por regras fixas da colocação dos verbos. As palavras modais epistêmicas²⁵ e os atos de falar assertivos, que ampliam a sintaxe e promovem uma distância crescente em relação ao conteúdo da afirmação, aumentam, dessa forma, as próprias afirmações que são refletidas mais persistentemente. Aí, desenvolve-se a possibilidade de se reportar aos próprios conteúdos.²⁶ O princípio do quadro da oração da língua alemã estabelece-se especificamente.²⁷ Além disso, o alemão, como uma língua mais sintética em comparação às línguas românicas e ao inglês, possui a possibilidade de formação dos assim chamados substantivos compostos *ad hoc*.

É possível observar um crescimento expressivo de compostos dentro da língua alemã no contexto da literalização. A porcentagem média de substantivos compostos dentro de um texto aumenta de 6,8% na segunda parte do século doze para 18,4% na segunda metade do século dezessete.²⁸ E, especialmente na área dos verbos, podemos observar um crescimento das formações com prefixos de dinâmica espacial como *hin-, her-, nach-, entgegen-* etc., através dos quais são expressas várias imagens espaciais, como por exemplo, a imagem da contraposição ou da direção em cima/em baixo: *hin-, hinweg-, her-, herzu-, nach-, entgegen-, ab-, los-, aus-, heraus, ein-, hinein, durch-, auf-, hinauf-, aufwärts-, hinan-, empor-*.²⁹ Todas essas inovações levam a um mundo de idéias tridimensional³⁰ que, ao mesmo tempo, forma a base para

²⁵ Por exemplo *sicherlich - ohne Zweifel - fürwahr - wahrlich - vielleicht - meiner Meinung nach* etc.

²⁶ Cf. Ägel 1999, p. 181ss. Raramente encontram-se tantos graus dentro do sistema dos atos de fala como no alemão: *behaupten, feststellen, für wahr erklären, eine Behauptung aufstellen, die gesicherte Erkenntnis haben, sich sicher sein* etc. Nisto, também as possibilidades dos “Funktionsverbgefüge” têm uma grande importância.

²⁷ Cf. Polenz 1991, p. 202; Wolff 1994, p. 104ss e Stedje 1994, S. 128ss.

²⁸ Cf. Solms 1999, p. 234.

²⁹ Cf. Polenz 1991, p. 312.

³⁰ Junto com outros desenvolvimentos da época, como o protestantismo e a individualização crescente, estas diferenciações expandidas junto com os processos de literalização também trazem uma metáfora espacial específica que

a diferenciação de mais conceitos que, por sua vez, radicam na racionalização da vida cotidiana.³¹ Fundamento da técnica como "Wissenschaft von der Umwandlung von Rohstoffen in Fertigprodukte (Verfahrenskunde)", e, respectivamente, "Gesamtheit der zur Gewinnung und Bearbeitung oder Verformung von Stoffen nötigen Prozesse"³² é, sobretudo, uma concepção matemático-física do mundo, e seus traços mais importantes são o princípio da divisão em linhas de produção e a partição dos processos em componentes singulares. O objetivo da técnica é a mecanização, aceleração, racionalização, cálculo e exatidão do modo de vida cotidiana.

A seguir, são diferenciados dois tipos de conceitos metafóricos do falar alemão. O primeiro tipo aproxima-se do que Lakoff e Johnson, dentro da sua análise, chamam *Oriental Metaphors*, e põe à disposição metáforas fundamentais com uma dinâmica e classificação espacial sem as quais o segundo tipo relacionado à esfera da *técnica (tecnologia)*, que serve de base para as *Structural Metaphors*, não seria possível.³³

tenta abranger a vida interior do homem. Em comparação à comunicação oral, o processo de escrever se torna uma atividade solipsística, com a qual se expande o aparelho semântico da interioridade, que remonta ao século treze, quando a língua mística floresce. Meister Eckhart e Mechthild von Magdeburg começam a representar experiências religiosas dentro da língua, e criam metáforas como *Einfluss*, *Eindruck*, *Einkehr*, *Einbildung* e *Einwirkung*. Esta tendência tem continuidade no Pietismo, na época do *Sturm und Drang* e, finalmente, no Romantismo, com o qual a interiorização chega ao ponto culminante; cf. entre outros Stedje 1994, p. 104 e Polenz 1991, p. 312ss.

³¹ O fato de que, no alemão, essa tridimensionalidade é mais marcada do que em outras línguas indo-européias, mostram, particularmente, os estudos comparativos dentro da área da lingüística que falam de uma linearidade e de um método indutivo, considerando os textos anglo-americanos em comparação a um método mais espacial e dedutivo, no caso dos textos científicos alemães; cf. sobre isso entre outros Galtung em: Wierlacher 1995, p. 179, Clyne 1991, p. 376ss e Schröder em: Stickel 1995, p. 156ss.

³² Duden 1999: Das Fremdwörterbuch, p. 800.

³³ *Ontological Metaphors* podem ser encontradas em ambos os tipos de metáfora. Neste contexto temático, elas não têm uma relevância grande. Por isso, não são mencionadas explicitamente.

4.1 Orientational Metaphors: espacialização da vida cotidiana

4.1.1 Metáforas com dinâmica espacial

Pode-se observar que, do ponto de vista semântico, diversos elementos da língua alemã são formados mais por meio de imagens de significação espacial, do que, por exemplo, no caso da língua portuguesa.

Por exemplo, verbos que, em português, começam com *sub-*, dentro do dicionário português-alemão,³⁴ correspondem a 33 registros, e aqueles que, em alemão, começam com *unter-* equivalem a 58 registros. Verbos que, em português, começam com *sobre-* podem ser encontrados 25 vezes, ao passo que aqueles que, em alemão, começam com *über-* o são em frequência muito maior, a saber 130 vezes. Devido ao fato de que algumas palavras que em alemão começam com *über-* são expressas através do prefixo *trans-* em português, também foram contados os verbos que começam com *durch-* ou com *trans-*. Porém, o resultado é semelhante: 31 vezes surgem verbos que começam com *trans-*, 121 vezes, em contrapartida, verbos que começam com *durch-*. Os seguintes exemplos mostram metáforas espaciais alemãs que surgem freqüentemente dentro do falar cotidiano e para as quais não existem equivalentes na maioria das outras línguas indo-européias.³⁵

| METÁFORAS DO ESPAÇO | |
|--|---|
| Was man gerade macht und dann im Studium, das wird dann <i>hin- und bergewälzt</i> | Es ist manchmal ganz schön schwierig, das so für sich <i>abzustecken</i> |
| Ich hätte es mir interessanter <i>vorge stellt</i> | ... ohne Menschen Verträge <i>unterzujubeln</i> |
| Das heißt, dass man versucht, das Gefühl <i>aufrechtzuerhalten</i> auch über 'ne längere Zeit, über Jahre hinweg vielleicht auch | So dass wir alles andere auch halten können, weil, sonst würd sich das nicht lohnen, wenn ich aus meinem Beruf <i>rausgeh</i> |
| Den Stoff, den die hier <i>durchgenommen</i> hatten, der war doch schon ganz schön schwer | Aber jetzt nichts so, was so <i>herausragen</i> würde aus dem allem |
| So würd ich da nicht <i>drauf eingehn</i> | Da fand ich Kinder ganz <i>abstoßend</i> |

³⁴ Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch 1995.

³⁵ Os exemplos foram extraídos das respostas do estudo de Schröder acima mencionado; cf. Schröder 2003, p. 202ss.

| | |
|--|---|
| Dass man sich nichts <i>vormacht</i> irgendwie | ... und mir nicht irgend'nen Humbug <i>aufschwätzt</i> |
| Wenn man mich <i>hintergeht</i> | Wenn man irgendwie <i>auffällt</i> und das nicht will |
| Einen Beruf, der mich <i>ausfüllt</i> | Das <i>zieht</i> einen <i>runter</i> |
| Viele haben kein Interesse an einer <i>vielseitigen</i> Ausbildung, sie <i>hinterfragen</i> zu wenig | Das sind so Sachen, die irgendwann noch mal <i>anstehn</i> |
| Vielleicht, wenn ich'nen neuen Job <i>antrete</i> und die Leute nicht kenne | Das bewunder ich irgendwie, das hätt ich denen nie zugetraut. Dass die's mal so <i>weit bringen</i> |
| Das ist ja so, dass die immer <i>gut drauf sind</i> und das halt nicht ganz so <i>eng sehn</i> , so stur <i>nach vorne</i> | Ich mach mir große Gedanken, ob ich das wirklich schaffen könnte, ob ich das <i>durchziehn</i> kann mit dem Studium |

4.1.2 Metáforas do fracionamento e da classificação espacial

Não é somente no campo sintático, através da subordinação, que se desenvolve uma extensão do espaço mental por meio de ligações causais, condicionais e temporais trazendo uma ordem às fases da vida humana. Observa-se que também no campo semântico ocorre um processamento fracionário, começando com a noção de industrialização, que implica, em termos lingüísticos, no tratamento de uma classificação do tempo como espaço. Este método aproxima-se de uma expressão dos sociólogos Peter e Brigitte Berger que, em sua pesquisa sobre mudanças do pensamento cotidiano trazida pela modernidade, chamam o estilo de viver e falar moderno de "cognitive style of bureaucratic consciousness".³⁶ Família, namorados, amigos ou o ambiente doméstico são organizados pelos mesmos axiomas que controlam uma repartição ou uma empresa:³⁷

³⁶ Berger/Berger 1974, p. 50. Assim, os autores vêem, por exemplo, no típico quadro negro para cozinhas ocidentais, um índice de desejo de regularidade, já que fundamentalmente o que se observa é uma necessidade de classificação e de ordenação das experiências e esferas vitais; cf. Berger/Berger, p. 47.

³⁷ Cf. Schröder 2003, p. 205ss.

| METÁFORAS PARA O FRACIONAMENTO E CLASSIFICAÇÃO DA VIDA | |
|---|---|
| Ja, das Vergessen, das hab ich von meinem Papa, das Ordentliche und Bedächtige, das hab ich von meiner Mutter. So <i>fünfzig, fünfzig</i> , von Mama und Papa, aber der väterliche Teil, der <i>überwiegt</i> schon | Aber wie gesagt, das ist – die <i>Grenze</i> ist dann auch irgendwo, also die <i>Grenze</i> von dem besten Freund <i>zu</i> der Partnerin, sag ich mal so, <i>von'nem ganzen Kuchen</i> so, ist vielleicht <i>so'n Stück</i> [zeigt ein kleines Stückchen an] |
| Ja, ich konstruier immer so'n <i>Schnitt</i> gegen Ende der Oberstufe | Vielleicht <i>in Abgrenzung</i> so von anderen Leuten |
| Also es gibt – ich hab zwar immer so Verhältnisse, aber die sind jetzt nicht so für Familie <i>geeignet</i> , sozusagen für den <i>Übergang</i> , Männer | Also erst mal sagt man immer so: Das sind Freunde von mir und dann <i>schränkt</i> man immer so selber <i>ein</i> ... |
| Klar, irgendwann möchte ich auch mal'n Haus haben, aber das ist jetzt nicht mein <i>Endziel</i> | Also <i>im Rahmen meiner Möglichkeiten</i> hab ich doch so das rausgeholt, was möglich war |
| Ja, im Endeffekt <i>grenzenloses</i> Vertrauen | Meine <i>Lebensabschnittsgefährten</i> |
| Also ich kann mich zwar streiten, auch diskutieren und das ist auch in Ordnung, aber ich find, das muss irgendwann auch'n <i>Punkt</i> haben. Und dann muss man auch sagen: Okay, so isses und <i>fertig</i> | Ach herrje, es gibt so viele Ansichten, vom „Mir doch sch–egal“ bis „Alles muss geplant werden.“ Ich denke, dass ich für mich eine <i>sachliche Mitte</i> gefunden habe |
| Also gerade so Job und Uni, dadurch, dass ich in der Uni viele Freunde habe, auch gerade in der <i>Abschlussphase</i> | Also so Sachen, die nicht <i>in meinen Aufgabenbereich fallen</i> , die könnten ja <i>schief</i> gehen |
| Ja, mit seinem Partner macht man vielleicht – der <i>deckt</i> vielleicht mehr <i>ab</i> oder so. | Ich hab immer so das Gefühl, man hat verschiedene Freunde für verschiedene Bereiche. |
| Ich will diesen <i>Abschnitt</i> meines Lebens, das Studium halt auch möglichst genießen | Obwohl ich mich da'n bisschen <i>ausgrenzen</i> möchte |

Uma forma especial de fracionamento lingüístico da experiência é representada por uma classificação que a valoriza, ou seja, por um princípio de "ranking":³⁸

³⁸ Cf. Schröder 2003, p. 205ss.

| METÁFORAS PARA A CLASSIFICAÇÃO DE EXPERIÊNCIA | |
|---|---|
| Ehrlichkeit ist <i>das Oberste</i> in einer guten Partnerschaft | Mein Bruder war immer schon <i>eine Stufe höher als</i> ich |
| Ausbildung ist <i>das erste Ziel</i> und <i>steht</i> bei mir <i>ganz oben</i> | Ohne Familie ist das Finanzielle <i>eigentlich recht zweitrangig</i> |
| Die Leute <i>in den unteren oder mittleren Ebenen</i> sind sowieso glücklicher. | Echte Freunde stehen bei mir <i>hoch bzw. mittel im Kurs</i> |
| Es wäre schön, wenn man noch'ne Etage höher käme | Also Nr. 1 mein Beruf, Nr. 2 würd ich sagen, die Freunde und die Freizeit |

4.2 Structural Metaphors: A técnica do cotidiano

4.2.1 Metáforas dos conceitos da economia, competitividade e da exatidão

Enquanto nas entrevistas realizadas no Brasil observou-se a estruturação das metáforas por meio do campo da sensibilidade, esta relação se inverte nas entrevistas alemãs. O vocabulário da economia, frequentemente, torna-se um instrumento da estruturação do mundo das relações pessoais. No centro desse conceito, permanece o axioma da maximização: a lógica do processo de produção técnica tende a um aumento maior possível dos resultados: melhor, mais barato, mais produtivo, mais forte, mais rápido. Este axioma é também transferido a outros setores da vida:³⁹

| METÁFORAS ECONÔMICAS | |
|---|--|
| Ich will aus einer Beziehung <i>etwas schöpfen</i> können | Eine Beziehung sollte eine sexuelle <i>Komponente bieten</i> |
| Die Beziehung <i>bringt nix mehr</i> | Die Zeit vor der Heirat will ich <i>ausnutzen</i> |
| <i>Aus</i> meinem Leben möchte ich <i>etwas rausholen</i> , sodass ich am Ende sagen kann: Es hat sich alles <i>gelohnt</i> | Ich kann inzwischen <i>abschätzen</i> , wer mich <i>ausnutzt</i> , wer nicht, von wem ich was erwarten kann, von wem nicht |
| Ob man eine Familie <i>gründet</i> oder nicht, sollte man im Zeitalter der <i>Unterhaltszahlungen</i> genau <i>abwägen</i> | Freunde sollten auf jeden Fall auch dazu bereit sein, kleine Gefälligkeiten <i>ohne Gegenleistung zu erbringen</i> |
| Vor Bekannten würde ich nichts von mir <i>preisgeben</i> | Mit meinen Freunden und meinem <i>Partner</i> will ich Gefühle und Gedanken <i>austauschen</i> können |

³⁹ Cf. também Berger/Berger 1974, p. 40. Os seguintes exemplos lingüísticos são citados segundo Schröder 2003, p. 211s.

Próximo a essa metáfora observa-se a da competitividade.⁴⁰

| METÁFORAS DA COMPETITIVIDADE | |
|--|---|
| <i>Erfolg</i> im Berufs- und Privatleben haben | Das Studium <i>erfolgreich</i> beenden |
| Ich will mein Berufsziel <i>erreichen</i> | Ich will auf jeden Fall <i>vorwärts kommen</i> |
| Ich würde gerne den <i>Laufbahnen</i> meiner Freunde <i>nacheifern</i> | Ich muss einfach <i>noch mehr</i> tun, um <i>noch weiter nach vorne zu kommen</i> |
| Um was zu <i>erreichen</i> , muss man auch <i>Leistung bringen</i> | Ich will später auf jeden Fall <i>besser da stehen als andere</i> |
| Man muss eben <i>zielstrebig</i> sein, wenn man <i>oben ankommen</i> will | Durch die neue Studienordnung bin ich <i>zurückgeworfen worden</i> |
| Ich habe dazu eine neue Einstellung <i>gewonnen</i> und wünsche mir eine <i>Erböhung</i> meiner <i>Qualifikationen</i> | Urlaub ist für mich eine Art <i>gebührende Belohnung</i> für eine gewisse <i>Etappe</i> , die ich mir <i>gesetzt</i> und <i>erreicht</i> habe |

Por meio da economia e da competitividade surge também o cálculo. Quem quer vencer, tem que fazer a conta certa. Assim, o estilo de falar alemão é impregnado de cálculos e pesos exatos pela ajuda das unidades métricas:⁴¹

| METÁFORAS MÉTRICAS | |
|---|--|
| Vieles ist <i>in gewissem Maße</i> schon vorgegeben | Der väterliche <i>Teil</i> in mir <i>überwiegt</i> schon |
| Gleiche und unterschiedliche Lebenseinstellungen bei anderen Studenten <i>halten sich die Waage</i> | Etwas aus meinem Leben zu machen, bedeutet für mich <i>eine ganze Menge</i> |
| Ich <i>rechne</i> mir in der Großstadt ehrlich gesagt <i>bessere Berufschancen aus</i> | Dass man mal ein Semester nicht so voran kommt, sollte man schon <i>mit einkalkulieren</i> |
| Familie ist schon wichtig, aber erst, wenn der <i>angemessene Zeitpunkt</i> dazu da ist | Ich muss auf den anderen <i>hundertprozentig zählen</i> können |

⁴⁰ Citado segundo Schröder 2003, p. 212s. Aqui, especialmente a metáfora do „o que é mais é superior“ se torna significante.

⁴¹ Cf. Schröder, p. 213. Neste contexto, pode ser mencionado que também a frequência de números dentro das entrevistas alemãs em contrapartida às brasileiras é muito mais alta. Apesar de algumas expressões idiomáticas como *hundertprozentig* / *fünfundzig*, *fünfundzig* / *fifty*, *fifty* / *Hundertachtziggradwendung*, são contados horas, dias, semanas, anos, países, amigos, parceiros, crianças, dinheiro, metros, quilômetros, notas da escola e semestres, assim como dados, tempo e idade são apresentados em números exatos; cf. Schröder 2003, p. 214.

4.2.2 Metáforas dos conceitos do trabalho, mecânica, técnica

Diretamente ligados aos efeitos do mundo do trabalho tecnológico são os conceitos abaixo. Neste contexto, Berger e Berger falam do *cognitive style of componentiality*, cuja origem reside na produção tecnológica, e que, de modo crescente, é estendido a outras esferas da vida:

The components of reality are self-contained units which can be brought into relation with other such units – that is, reality is *not* conceived as an ongoing flux of juncture and disjuncture of unique entities. This apprehension of reality in terms of components is essential to the reproducibility of the production process as well as to the correlation of men and machines. For example, each of several hundred cogs involved in a day's work is, given certain presuppositions (such as size), a unit freely exchangeable with every other unit, at least for the purpose at hand. Reality is ordered in terms of such components, which are apprehended *and* manipulated as atomistic units. Thus, everything is analysable into constituent components, and everything can be taken apart and put together again in terms of these components.⁴²

No contexto de transferência desta "tinkering attitude" para a vida privada, os autores falam do "psychological engineering" e observam também um manejo tecnológico específico das relações sociais.⁴³ Em geral, dentro do falar alemão cotidiano, além dos conceitos básicos já apresentados, encontram-se metáforas específicas que radicam no mundo de trabalho tecnológico e de seu próprio campo semântico. Elas podem ser classificadas nos seguintes sub-conceitos:⁴⁴

⁴² Berger/Berger 1974, p. 32.

⁴³ Berger/Berger 1974, p. 34ss.

⁴⁴ Alguns exemplos são citados segundo Schröder 2003, p. 215ss. Outros exemplos representam expressões idiomáticas da linguagem cotidiana.

| MERCADO DE TRABALHO | |
|---|--|
| Es gibt im Leben nun mal Situationen, die <i>gemeistert</i> werden müssen | Kinder neigen ja irgendwie dazu, sich gegenseitig <i>fertig zu machen</i> |
| Gemeinsames Leid <i>schweißt</i> eben <i>zusammen</i> | Mein Freund is'n richtiger <i>Kollege</i> |
| Ich strebe schon eine Art <i>Lebenswerk</i> an | In der Partnerschaft zählt <i>Zusammenarbeit</i> |
| Ich fühle mich sicher, wenn ich etwas <i>geschafft</i> habe | wenn Dinge auf mich zukommen, die nicht <i>in meinen Aufgabenbereich fallen</i> |
| MECÂNICA E TÉCNICA | |
| Mir <i>unterlaufen</i> da schon mal ein paar <i>Fehler</i> | Der hat viel zu <i>hochgeschraubte</i> Ansprüche |
| Da gibt es oft <i>Reibungspunkte mit</i> den anderen | Das wird <i>sich</i> schon wieder <i>einrenken</i> |
| Wenn die Dinge <i>klappen</i> und <i>laufen</i> <i>eine Schraube locker haben</i> | <i>Denkanstöße</i> Der ist doch nicht <i>ganz dicht</i> |
| Was du wirklich brauchst, ist ein guter <i>Seelenklemmner</i> | Wie soll man da den richtigen Hebel zu dem Problem <i>ansetzen</i> ? |
| <i>Jobtechnisch</i> denke ich, sollte ich das wohl schaffen | <i>Musiktechnisch</i> habe ich das eigentlich ganz gut drauf |
| Der is'n richtiger <i>Senkrechtstarter</i> | Der <i>ticket</i> doch nicht mehr <i>richtig</i> |
| APARELHOS | |
| Auf Feten so richtig <i>aufdrehen</i> | Wenn alles <i>kaputt</i> ist, will man auch nicht mehr |
| Eine Beziehung kann schon mal <i>in die Brüche</i> geben | In einer <i>funktionierenden</i> Partnerschaft sollte man den anderen auch <i>zufrieden stellen</i> können |
| VEÍCULO | |
| Danach muss ich erst mal wieder <i>runterfahren</i> | Noch mal Schule? Der <i>Zug</i> ist ja wohl <i>abgefahren</i> |
| Ich war auf <i>180</i> | Da war ich <i>von 0 auf 100</i> |
| Beruflich muss ich mal richtig <i>durchstarten</i> | Der Film ist total <i>abgefahren</i> |
| Beim Studium sollte ich auf jeden Fall noch etwas <i>mehr Gas</i> geben | Ich muss wohl lernen, mich in der Firma etwas mehr <i>auszubremsen</i> |
| Die Situation mit ihm ist schon ganz schön <i>eingefahren</i> | Die <i>haben</i> da schon ein ganz schönes <i>Tempo darauf</i> , da kommt man nicht so schnell mit |
| ELETRICIDADE | |
| Bei dem sind die <i>Sicherungen durchgebrannt</i> | Der ist nun wirklich keine <i>Leuchte</i> |
| Ich stehe in letzter Zeit so richtig <i>unter Strom</i> | Bei dem gehen allmählich die <i>Lichter aus</i> |
| Eine angemessene <i>Beleuchtung</i> des Problems | Das sollten wir genauer noch mal <i>durchleuchten</i> |
| TELEGRAFIA/RÁDIO/TELEVISÃO/COMPUTADOR | |
| Schule ist ja sozusagen <i>vorprogrammiert</i> | Die ganze <i>Bandbreite</i> an Müll war dabei |
| Ich kann im Moment gar nichts mehr <i>speichern</i> | Ich will demnächst eine neue Arbeit <i>anpeilen</i> |
| Wir haben halt nicht die gleiche <i>Wellenlänge</i> | Neue Deutsche <i>Welle</i> |

5. Resumo e perspectivas

Dentro do contexto da fundamentação da tese anteriormente colocada, que consiste na afirmação de uma forte presença na língua alemã das metáforas tecnológicas que, por sua vez, advêm de conceitos mais fundamentais, incluindo as metáforas espaciais, foram estabelecidas três etapas:

- 1) foi feita uma definição do falar metafórico que inclui qualquer transferência dos espaços lingüístico-cognitivos a uma área de experiência nova;
- 2) em um segundo passo, foi apontada a dependência da cultura dos conceitos metafóricos, ressaltando o modo de criação de idéias no mundo ocidental por uma imagem de mundo fortemente matematizada, o que se comprova, sobretudo, na metáfora espacial expansiva. Dessa forma, a partir da época do Renascimento, estabeleceu-se, pouco a pouco, a dicotomia filosófica entre corpo e alma;
- 3) depois disso, primeiro, foi ilustrado, baseado em um esboço curto da ação recíproca entre história de cultura e desenvolvimento de língua, o motivo que leva a língua alemã a ser mais susceptível para a extensão dos conceitos metafóricos. Posteriormente, foram apresentados exemplos do falar cotidiano que refletem esta tendência de metaforização do alemão junto com uma crescente tecnologiação do mundo de vida.

Com certeza, em futuras análises reconstrutivas, deve ser focalizada a pergunta se a tecnologização do nosso mundo cotidiano, tornando-se cada vez mais complexa, continua sendo responsável pela conceitualização das fases das nossas vidas, ou, se esta relação, de forma crescente, inverte-se assim que surge uma bio-morfologização mais forte dos campos tecnológicos novos, como pode ser observado no caso de computador. Em conformidade com isto, a máquina aparece como organismo, o computador é *atacado* por *vírus*, e *cai* o tempo inteiro. Muitas das metáforas, usadas no contexto da internet, são motivadas regionalmente ou geograficamente. Elas criam imagens, interligando pela rede: lugares – os *sites* –, casas – os *homepages* –, praças – os *marketplaces* – ou colônias – os *global villages*. Por outro lado,

aqui também é levada adiante uma dinâmica metafórica própria, assim que metáforas tecnológicas, por exemplo, *dirigir carro*, entram nesta área de experiência nova, como é testemunhado, entre outros, pelas metáforas do *Hoch- und Runterfahren* do computador, e do *Datenstau* ou da *Datenautobahn*.

Referências bibliográficas

- ÀGEL, Vilmos. “Grammatik und Kulturgeschichte. Die raison graphique am Beispiel der Epistemik”, In: GARDT, Andreas & HAAß-ZUMKEHR, Ulrike. *Sprachgeschichte als Kulturgeschichte*. Berlin, New York, Walter de Gruyter 1999, 171-223.
- BALDAUF, Christa. *Metapher und Kognition: Grundlagen einer neuen Theorie der Alltagsmetapher*. Frankfurt am Main, Peter Lang 1997.
- BERGER, Peter L./BERGER, Brigitte. *The Homeless Mind. Modernization and Consciousness*. Harmondsworth, Middlesex, Penguin Books Ltd. 1974.
- CHOMSKY, Noam. *The logical structure of linguistic theory*. New York, London, Plenum Press 1977.
- CLYNE, Michael. “Zu kulturellen Unterschieden in der Produktion und Wahrnehmung englischer und deutscher wissenschaftlicher Texte” In: *Information Deutsch als Fremdsprache*. 1991, n. 18, 376-383.
- DESCARTES, René. *Traité de l’homme. Oeuvres et lettres*. Paris, Coll. La Pleiade, Gallimard 1953.
- DUDEN. *Fremdwörterbuch. Der Duden in 12 Bänden. Das Standardwerk zur deutschen Sprache*. Augsburg, Weltbild Verlag GmbH 1999.
- DÜRBECK, Helmut. “Neuere Untersuchungen zur Sapir-Whorf-Hypothese” In: *Linguistics* 1975, n. 145, 5-45.
- FODOR, Jerry/PYLYSHYN, Zenon. “Connectionism and Cognitive Architecture: A Critical Analysis” In: *Cognition* 1988, n. 28, 3-71.
- FRANZEN, Winfried. “Die Sprachen und das Denken. Zum Stand der Diskussion über den linguistischen Relativismus” In: TRABANT, Jürgen. *Sprache denken. Positionen aktueller Sprachphilosophie*. Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag 1995, 249-268.

- GALTUNG, Johan. "Struktur, Kultur und intellektueller Stil. Ein vergleichender Essay über sachsenische, teutonische, gallische und nipponische Wissenschaft" In: WIERLACHER, Alois. *Das Fremde und das Eigene. Prolegomena zu einer interkulturellen Germanistik*. München, iudicium 1985, 151-193.
- GEIER, Manfred. *Das Sprachspiel der Philosophen. Von Parmenides bis Wittgenstein*. Reinbek bei Hamburg, Rowohlt Taschenbuch Verlag 1989.
- GIPPER, Helmut. *Theorie und Praxis inhaltbezogener Sprachforschung. Aufsätze und Vorträge 1953-1990. Band II. Sprache und Denken in sprachwissenschaftlicher und sprachphilosophischer Sicht*. Münster, Nodus Publikationen 1992.
- GIPPER, Helmut. *Gibt es ein sprachliches Relativitätsprinzip? Untersuchungen zur Sapir-Whorf-Hypothese*. Frankfurt/Main, Fischer 1972.
- HUMBOLDT, Wilhelm von. *Über die Verschiedenheit des menschlichen Sprachbaues und ihren Einfluß auf die geistige Entwicklung des Menschengeschlechts*. Bonn, Ferd. Dümmlers Verlag 1960.
- HUSSERL, Edmund. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und die transzendente Phänomenologie. Eine Einleitung in die phänomenologische Philosophie*. Hamburg, Felix Meiner Verlag 1977.
- JÄKEL, Olaf. *Wie Metaphern Wissen schaffen: die kognitive Metaphertheorie und ihre Anwendung in Modell-Analysen der Diskursbereiche Geistestätigkeit, Wirtschaft, Wissenschaft und Religion*. Hamburg, Kovac 2003.
- KLUGE, Jürgen. "Leistung ist wirklich nichts Schlimmes" (Entrevista com o chefe de McKinsey da Alemanha Jürgen Kluge, realizada por Ulrich Porwollik e Mathias Wulff) In: *Welt am Sonntag* 2001, 30 de dezembro, www.welt.de/daten/2001/12/30/1230wi304947.htx.
- LAKOFF, George/JOHNSON, Mark. *Metaphors We Live By*. Chicago, The University of Chicago Press 1980.
- LA METTRIE, Julien Offroy de. *L'Homme-Machine*. Denoël/Gonthier, éd. P.-L. Assoun, 1981.
- Langenscheidts Taschenwörterbuch Portugiesisch*. Berlin/München, Langenscheidt KG 1995.

- LEIBNIZ, Gottfried Wilhelm. *Fragmente zur Logik*. Berlin, Akademie-Verlag 1960.
- MACCORMAC, Earl R. *A Cognitive Theory of Metaphor*. Cambridge/Mass., MIT Press 1985.
- MALOTKI, Ekkehart. *Hopi-Time. A Linguistic Analysis of the Temporal Concepts in the Hopi Language*. Berlin, New York, Amsterdam, Mouton 1983.
- MAUTHNER, Fritz. *Beiträge zu einer Kritik der Sprache. 1. Band. Zur Sprache und zur Psychologie*. Leipzig, Felix Meiner Verlag 1923.
- NEWELL, Allen/SIMON, Herbert A. "The logic theory machine" In: *IRE Transactions on Information Theory*. 1956, IT-2, n. 3, 61-79.
- PINKER, Steven. *The Language Instinct*. New York, William Morrow and Company, Inc. 1994.
- POLENZ, Peter von. *Deutsche Sprachgeschichte. Vom Spätmittelalter bis zur Gegenwart. Band I. Einführung, Grundbegriffe. Deutsch in der frühbürgerlichen Zeit*. Berlin, New York, Walter de Gruyter 1991.
- SAPIR, Edward. *Selected Writings of Edward Sapir in Language, Culture and Personality*. Berkely, Los Angeles, University of California Press 1949.
- SCHMITZ, H. Walter. "Zur kommunikationstheoretischen Rekonstruktion rhetorischer Kategorien – am Beispiel der Tropen" In: PLETT, Heinrich F. *Die Aktualität der Rhetorik*. München, Fink 1996, 150-159.
- SCHRÖDER, Hartmut. "Der Stil wissenschaftlichen Schreibens zwischen Disziplin, Kultur und Paradigma – Methodologische Anmerkungen zur interkulturellen Stilforschung" In: STICKEL, Gerhard. *Stilfragen*. Berlin/New York, de Gruyter & Co 1995, 150-180.
- SCHRÖDER, Ulrike. *Brasilianische und deutsche Wirklichkeiten. Eine vergleichende Fallstudie zu kommunikativ erzeugten Sinnwelten*. Wiesbaden, Deutscher Universitäts-Verlag 2003.
- SOLMS, Hans-Joachim. "Der Gebrauch uneigentlicher Substantivkomposita im Mittel- und Frühneuhochdeutschen als Indikator kultureller Veränderung" In: GARDT, Andreas & HAß-ZUMKEHR, Ulrike. *Sprachgeschichte als Kulturgeschichte*. Berlin, New York, Walter de Gruyter 1999, 225-246.
- STEDJE, Astrid. *Deutsche Sprache gestern und heute: Einführung in Sprachgeschichte und Sprachkunde*. München, Fink 1994.

- WHORF, Benjamin Lee. *Language, Thought and Reality. Selected Writings of Benjamin Lee Whorf*. Cambridge, Massachusetts, The M.I.T. Press 1973.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. *Werkausgabe Band 1. Tractatus logico-philosophicus. Tagebücher 1914-1916. Philosophische Untersuchungen*. Frankfurt am Main, Suhrkamp 1995.
- WITTGENSTEIN, Ludwig. "Bemerkungen über Frazers *The Golden Bough*" In: WIGGERSHAUS, Rolf. *Sprachanalyse und Soziologie. Die sozialwissenschaftliche Relevanz von Wittgensteins Sprachphilosophie*. Frankfurt am Main, Suhrkamp 1975, 37-57.
- WOLFF, Gerhart. *Deutsche Sprachgeschichte: ein Studienbuch*. Tübingen, Basel, Francke 1994.